

II MOSTRA DE ESCULTURAS
EM PEDRA' 1996

Cascais

ESCULTURA EM PEDRA

O Jardim público Costa Pinto de Cascais é um privilegiado espaço verde, espécie de museu ao ar livre, onde a escultura em pedra adquire significativa presença, quer pela pureza do material que evidencia, afeiçoado à mão do homem, quer pela simbologia inerente das formas, vocacionadas a serem monumentais ou anti-monumentais, consoante a escala em que são concebidas, numa relação com o espaço envolvente. Arte do volume e do espaço, a escultura intervém esteticamente no meio ambiente, natural ou urbano. A diferença entre uma árvore e uma escultura é a mesma que existe entre a natureza e a arte. A natureza nasce, cresce, morre e sobrevive, gerando no seu próprio seio uma viva e constante transformação. A arte tenta fixar as múltiplas metamorfoses da vida, em termos de imortalidade, criando formas arquetípicas, que condensam em si toda a experiência humana. Pela sua persistente presença, através dos séculos, a obra de arte desafia a eternidade. Nesta perspectiva, o poder criador do artista, quando atinge o plano mais elevado, rivaliza com o poder criador de Deus. A monumentalidade é a característica essencial da escultura. Dotada de uma perenidade igual à dos materiais que utiliza, a escultura é a arte indicada para inspirar ideias de força, resistência, solidez e estabilidade, além de elevação espiritual.

A presente exposição reúne obras de 11 escultores (7 portugueses e 4 estrangeiros), que trabalham a pedra em Portugal. As suas idades oscilam entre os 31 anos (o mais novo é suíço Carlos Henrich) e os 66 anos (o mais velho é o japonês Niizuma). A maioria tem menos de 40 anos de idade. Quase todos participaram em Simpósios Internacionais de Escultura em Pedra, no Porto, em Pero Pinheiro, em Évora, na Alemanha, em Nova Iorque, no Japão e em outras localidades. Os mais jovens seguem o exemplo de profissionalismo dos mais velhos. Sobressai o poder ofical que, respeitando as características específicas do material, exalta a beleza das formas. Num retorno saudável ao prazer de esculpir a pedra, uma jovem geração de artistas, revelados nos anos 80 e 90, concilia a atitude vitalista do gesto instintivo com o mais rigoroso e frio construtivismo.

Na mostra em referência, frondosas árvores do jardim contrastam com altas colunas escultóricas, elementos ascensionais, entre a terra e o céu. Adelgadas e hirtas colunas de pedra de líoz, de **Rui Matos** (n. 1959), sugerem, na sua extrema pureza, uma espiritualidade quase ascética, algo que cresce na vertical, alongadíssimo caule de flor, em direcção ao infinito. Colunas que se tornam fállicas, organicistas e mais grotescas, nas três peças, intituladas "Nascimento, Vida e Morte", do suíço **Carlos Henrich** (n. 1965), que explora, em termos de sensualidade, a textura da superfície lisa e rugosa de volumes arredondados, a que não é indiferente a cor branca e rosada do mármore e da pedra de líoz. Organicistas e contangiantes são as enormes formas vaginais, com longas fendas longitudinais, esculpidas em mármore, de **Susana Piteira** (n. 1963); formas sensuais, ondulantes e animalescas, expostas na horizontal e na vertical, no lago, sobre a relva ou como relevos ou esculturas de parede.

Constituídas por repetitivos elementos geométricos, justapostos em coluna, são as emblemáticas estruturas minimalistas do japonês **Niizuma** (n. 1930) e do português **Pedro Ramos** (n. 1952), utilizam, respectivamente, o mármore e o calcáreo. Colossais blocos quadrangulares de granito, sobrepostos, do alemão **Volker** (n. 1961), evocam, na sua forte rudeza expressiva, primitivos monumentos funerários, denominados antas ou dólmenes.

A uma escala mais reduzida e, porventura, mais intimista, são as enigmáticas esculturas simbólicas, montadas em equilíbrio instável, no lago e no jardim, de **Pedro Fazenda** (n. 1957). Numa analogia com os ramos da árvore, braços humanos levantados, segurando elementos florais, tornam demasiado explícita e ornamental a escultura em mármore, de acariciante branco leitoso, de **Luís Cruz** (n. 1958). Simples e abstracta é a escultura simétrica de **João Sotero** (n. 1961).

O simbolismo abrange a forma alada de angélico corpo bojudado, fracturado, do brasileiro **Nelson Cardoso** (n. 1958), reminiscência tosca da "Vitória de Semostrácia", espécie de asa partida ou achado arqueológico, que anuncia a regra da mutilação na obra de arte moderna, marcada por múltiplas rupturas. A mutilação origina a sobrevalorização do fragmento do corpo humano, seja mão, braço ou pé, na escultura em mármore de **Victor Ribeiro** (n. 1957), que recupera modelos neo-clássicos e, à escala monumental, adquire uma inquietante e insólita presença. O seu pé gigantesco, exposto no jardim do Parque Marechal Carmona, lembra o polegar de César, que se tornou célebre pela sua descomunal dimensão. Estas esculturas inserem-se na estética do fragmento, elemento primordial da obra de arte moderna que, sendo incompleta, apela à sua reconstituição contínua, provocando uma problemática, que suscita mais perguntas que respostas. A obra incompleta é a mais sugestiva porque, aceitando todas as soluções, não se satisfaz com nenhuma.

Na exposição de Cascais, assinala-se a predominância de obras abstractas. Depois de Arp e Brancusi, a emancipação da escultura como linguagem autónoma é um fenómeno do séc. XX.

Setembro 1996



Eurico Gonçalves



Luís Cruz
S/Título
Mármore Estremoz e Pedra de Lióz
(2,70X0,58X0,79) m